

869.8
D4860
R38

B

869,232

PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*

1817

TES SCIENTIA VERITAS

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

023.478-67

D/9

1500

7 4 x 1 1 6 . 0 0 0 7 . .

REIS DAMASO

JOÃO DE DEUS

E

A SUA OBRA



LISBOA

LIVRARIA FERIN & C.^ª

70, Rua Nova do Almada, 74

MDCCCXCV

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

JOÃO DE DEUS E A SUA OBRA

Tiraram-se d'esta obra 10 exemplares em papel Whatman.

Typographia da Companhia Nacional Editora

REIS DAMASO

JOÃO DE DEUS

E

A SUA OBRA



LISBOA

LIVRARIA FERIN & C.^a

70, Rua Nova do Almada, 74

MDCCLXXV

LIVRARIA
ASTRO
E SILVA
ISBOA

023.478-67

0/9

1500

JOÃO DE DEUS

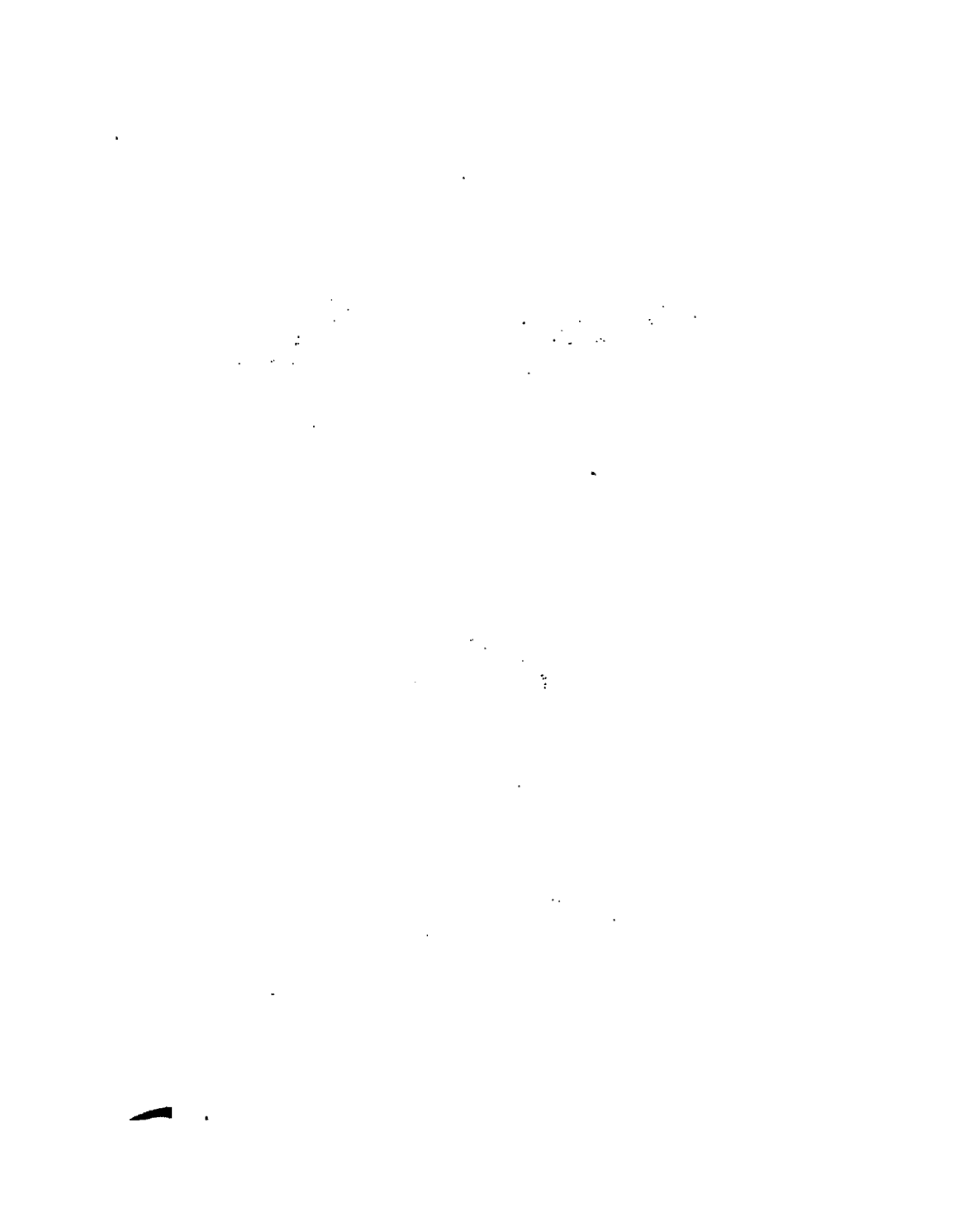
E

A SUA OBRA

LIVRARIA FERIN & C.^a

70, *Rua Nova do Almada*, 74

MDCCCXCV



JOÃO DE DEUS E A SUA OBRA

O tempo, porém, não nos sobejava para um trabalho inteiramente novo, e como já tivéssemos publicado em 1885 um simples esboço biographico do grande poeta e pedagogista, resolvemos aproveitá-lo na parte que mais interessaria ao estrangeiro. A essa parte acrescentamos então muitos outros factos da vida do poeta e pretendemos dar uma idéa do seu methodo de leitura.

A imprensa hespanhola, especialmente os jornaes *El Liberae* e *La Justicia*, referiram-se com immerecido louvor a esse modesto trabalho que só tinha por fim dar a conhecer além da fronteira o que nós possuíamos de elevado e util.

E' esse estudo, pois, que ainda soffreu algumas modificações indispensaveis, que ora damos á publicidade, addicionando-lhe, como não podia deixar de ser, os dois ultimos factos capitaes: a publicação do *Campo de Flôres* e a glorificação do genio.

Coimbra foi a Provença da moderna poesia portugueza ; e este poder suggestivo do lyrismo amoroso tem profundas raizes no passado, desde Sá de Miranda e Antonio Ferreira, que ali se inspiraram do idealismo petrarchista, desde Camões e Jorge de Monte-Mór, Francisco Rodrigues Lobo, Garção e Garrett, que ali sentiram os primeiros impulsos da vocação absoluta que os tornava atravez dos infortunios da sua vida, profundamente artistas. E esta influencia desconhecida mas permanente do meio, comprehendendo-se melhor ao ver como se define a physionomia eminentemente poetica de João de Deus.

Nascido em S. Bartholomeu de Messines, (Algarve), a 8 de março de 1830, depois dos estudos elementares na sua terra, dirigidos

pelo cura da freguezia, foi em 1849 para Coimbra onde frequentou a faculdade de direito. Seu irmão Antonio do Espirito Santo estava destinado *para padre* e elle *para doutor*, conforme os desejos do pae, um negociante bemquisto e generoso que esgotara os seus modestos haveres na instrucção dos filhos.

No meio das gerações academicas João de Deus passava despercebido, destacando-se apenas pela sua natureza contemplativa e apathica; os que o conheciam de mais perto adivinhavam n'elle, pelas manifestações affectivas do seu character, um indistincto sentimento esthetico, que se manifestava ora pelos traços graciosos do desenho á penna, ora pelos improvisos melodicos na inseparavel viola de arame, ora nos repentinos pittorescos da conversação intima em que deslumbrava pela eloquencia.

Era uma alma de artista sem visão clara do seu destino.

Por esses dons referidos que nenhum outro possuía, e pela doçura de character, essa mocidade entusiasta que o cercava, adorava-o, querendo a todos os instantes ouvi-lo, não o dispensando nunca nos divertimentos, nas troças, nos *cavacos*, que duravam horas

esquecidas. Quando elle pegava na banza, que tocava admiravelmente, dominando-a tanto como José Doria, todos os olhares se lhe dirigiam com a expressão da maior admiração e enthusiasmo. E era vêl-o no seu andar vagaroso e indolente, sempre de olhar vago, arrastando os grupos em vespera de feriado para o *Penedo da Saudade* ou para a *Fonte do Castanheiro*, onde se conservavam até altas horas da noite, elle fazendo gemer a querida viola e os companheiros cantando as modinhas populares do *Choradinho*, do *Malhão*, do *Ladrão, ladrão*, *Agua leva o Regadinho*, e muitas outras, que acudiam á memoria n'aquelles passatempos agradaveis de uma geração torbulenta e vagabunda. João de Deus não se pertencia pelos seus dotes pessoaes; tornara-se um personagem lendario, e proferindo-se apenas o seu nome do baptismo, todos sabiam quem era — o *João*.

A disciplina escolar incommodava-o; o pedantismo doutoral dos lentes revoltava-o; o texto de compendios sem criterio scientifico affastava-o do estudo. E n'esse tormento de espirito e no meio das gerações de bachareis formados que todos os annos saíam de Coimbra, para fornecerem ao parlamen-

tarismo dissolvente que nos atrophia, os deputados, os ministros, os jornalistas, os conselheiros, emfim, todas essas partes figurantes da pedantocracia, João de Deus ia ficando para traz, com os annos perdidos por faltas, e sendo necessario que alguém se lembrasse de o matricular, mas cada vez sentindo melhor definida a sua organisação poetica.

Quando o interrogavam sobre o tempo que ainda levaria para concluir a sua formatura, respondia indifferentemente e com graça: «Isto leva tantos annos a decidir como a guerra de Troya.»

Por fim formou-se, como todos os outros que veio encontrar já bem collocados no mundo official, em 1859.

Mas, tornar-se-hia João de Deus, um musico? um pintor? um orador? um poeta? A determinação da sua individualidade depende d'um accidente.

A morte prematura de uma formosa menina de uma respeitavel familia de Coimbra, e que a academia inteira admirava, provocou-lhe essa primeira composição publicada em 1855 na *Revista Academica*. Intitula-se a *Oração*, escripta por occasião da morte de D. Rachel Candida de Nazareth,

Foi essa elegia sentida que revelou o poeta. A mocidade da academia decorando-a, repetia-a com lágrimas de verdadeiro sentimento.

João de Deus amava em silencio essa creança que via definhar, e como Camões, o seu primeiro amor sentia-o em Coimbra, com toda a pureza da sua alma.

Essas bellas estrophes inspiradas da realidade accusando já o grande artista, fizeram com que a sua geração o admirasse como um semideus.

Não era só o conversador attrahente, o tocador admiravel, o desenhista primoroso, era tambem um poeta sem aprendizagem, um grande coração que sentia profundamente os soffrimentos alheios, exprimindo esse sentir com um accento simplesmente seu, por uma forma inteiramente nova em poesia.

O genio musical, o poder do traço pittoresco, deram a João de Deus essa pasmosa capacidade descriptiva, que, conjunctamente com a espontaneidade do conversador, se revela em toda a evidencia na composição *Remoinho*.

Andava a rama toda,
Emilia ! assirn, vês tu ?
A' roda, á roda, á roda,
Eis se não quando, rhuh !

Foi quando veio o outro
 Urrando como um boi,
 Oh que horroroso encontro !
 Então é que ella foi. (1)

E' admiravel a comparação do remoinho
 com os movimentos desesperados de uma
 cobra :

Com a cabeça chata,
 Aquelle olhar feroz,
 Aquelle olhar que mata
 Sempre de fito em nós? (2)

Depois só a muitos rogos é que elle continuou escrevendo mais alguma composição, como a que, a pedido de Manuel Vianna, publicou em 1861 na *Estreia Litteraria*.

A poesia absorveu inteiramente João de Deus, prevalecendo d'um modo definitivo esta aptidão sobre todas as outras capacidades estheticas.

A vida apathica que continuou em Coimbra desde 1859 a 1862, entre gerações academicas estranhas, mas que o amavam e admiravam os seus versos, dispendeu-a lendo Camões, a Biblia, Victor Hugo, ouvindo as cantigas do povo, deixando-se embalar pelas melodias das danças nacionaes.

(1) *Flores do Campo*, pag. 67.

(2) *Idem*, pag. 69.

E era quasi sempre deitado, rodeado de amigos, bocejando muito, que elle ia dando as suas composições poeticas, que os seus admiradores como Guimarães Fonseca, Rodrigo Velloso, João Vilhena e outros, escreviam. *O Pires de Marmelada*, ⁽¹⁾ graciosa satyra motivada pela reprovação injusta de um *novato* de theologia, e muitos outros versos de João de Deus, appareceram colligidos por este processo.

Ainda hoje é para o poeta um grande sacrificio o ter de escrever as suas poesias.

O Pires de Marmelada, diz Theophilo Braga, «é um poemeto heroi-comico d'uma graça inimitavel, que se conservou oralmente entre todas as gerações academicas até que foi publicado em folheto.» E accrescenta: «Não ha verso que diga mais do que este, em que lhe chama: «Bicho intruso em especie humana.» ⁽²⁾

Com o fim de tornar conhecidas as bellas composições de João de Deus, um grupo

⁽¹⁾ *Folhas Soltas*, pag. 72. Lê-se em nota: «Um meu companheiro levou R no exame do 1.º anno theologico, por ir de buço, dizia elle; démos-lhe credito; e como o presidente se alcunhava *Marmelada*, Guimarães Fonseca escreveu e o author ditou estas duas epistolas.»

⁽²⁾ *A Renascença*, pag. 7 e 8.

de estudantes funda o jornalinho *O Tira-Teimas*.

Poucos jornaes do paiz deixaram de as transcrever e o publico em geral admirou o grande lyrico.

O poeta estava já constituido na sua individualidade affectiva; a que corrente litteraria obedeceria?

Em Coimbra é onde melhor se observa a influencia do Romantismo, principalmente sobre a poesia lyrica.

Em 1844 o apparecimento do jornal de versos *O Trovador*, determina essa epoca em que prepondera a imitação de Lamartine, com um affectado sentimento religioso, com um mesquinho pathos pessoal, em que não deixou de actuar tambem a melancolia que inspirava os versos de Millevoye.

E' uma tristeza exaggerada e com aspecto fatidico que os poetas exprimem; é uma crença convencional e fria que procuram traduzir nas suas estrophes; é um patriotismo de palavras sem sentido que celebram sem a comprehensão do presente perturbado pelos accessos de absolutismo de D. Maria II com os seus ministerios de resistencia. Alem d'isto, a metrificação é descurada, cheia de *cunhas* ou *verbos de encher*, em

octosyllabos, com rimas batidas, causticadas, e sem um pensamento, ou mesmo, a verdade d'um sentimento. Pertencem á geração do *Trovador*, os celebrados João de Lemos, (o primeiro vulto d'essa escola) os dois Serpas, Xavier Cordeiro, Augusto Lima, Couto Monteiro, Pereira da Cunha, Corrêa Caldeira, verdadeiros representantes do lyrismo *ultra-romantico*, mas ainda desconhecendo o satanismo byroniano, que entrou em Portugal mais tarde.

Esta corrente ultra-romantica viciou profundamente o lyrismo portuguez, que, abrindo as portas ás mediocridades, innundou e ainda hoje innunda de versos todos os jornaes provincianos. João de Deus poude escapar a este contagio de banalidade parvamente admirada, pelo estado ainda então indefinido do seu talento.

Depois, em 1851, veio outra geração poetica do *Novo Trovador*. Trazia os mesmos vicios do falso sentimento, mas conhecia já melhores modelos. Admiravam-se as composições de Victor Hugo e de Alfred de Musset, e debalde procuravam tirar a poesia do rasteiro convencionalismo. N'esta geração destacam-se Alexandre Braga, e sobre todos Soares de Passos, em cuja melancolia se co-

nhece a impressão da leitura de Ossian, e em cujas odes, como *O Firmamento*, a intuição do que a concepção científica dos phenomenos da natureza póde dar á idealisação poetica. O desalento de Musset não foi comprehendido, como se vê pelos exaggeros de Ernesto Marecos e pelo estylo digressivo de Bulhão Pato. O ultra-romantismo havia já decahido na Europa, e em Portugal lançava os seus moribundos lampejos, penetrando em casa das familias burguezas, agarrando-se ás recitações ao piano, e vegetando estioladamente pelas paginas dos innumerados albuns que ainda hoje se conservam como saudosas reliquias.

Os versos de Palmeirim, como *O Guerrilheiro*, *O Bandido*, *A Vivandeira*, cantados em todo o paiz, representam esta ultima phase de um lyrismo postiço, porque na realidade a mocidade portugueza não comprehendia que a sua patria fôra assassinada com a intervenção armada de 1847, e muitos d'esses poetas, como Mendes Leal, acharam-se servindo com armas a rainha contra a nação.

João de Deus escapou tambem á influencia d'esta segunda geração poetica.

Quando começou a escrever versos es-

tava repassado da poesia popular. Foi assim que ao primeiro passo se achou no caminho verdadeiro da simplicidade espontanea da dicção, rompendo com os artificios rhetoricos da linguagem, e tirando do colorido das locuções a expressão pittoresca para a verdade do sentimento. Isto mesmo vêmos em Garrett, mas só no fim da sua carreira litteraria. Este grande artista depois de ter obedecido á influencia das Arcadias na *Lyrica de João Minimo* e nas *Jabulas e Flores sem fructo*, attinge, pela comprehensão e estudo da poesia do povo, a mais alta idealisação do amor no livro inexcédível e assombroso das *Folhas cahidas*.

Garrett deveu a sua primeira cultura poetica ao estudo dos versos de Filinto Elysio, e este facto determina-se bem na belleza e variedade dos seus *versos soltos*, rehabilitados pelo iniciador do romantismo em Portugal.

João de Deus estudou as poesias de Camões, e aos sonetos do grande genio nacional deveu a comprehensão não só do vago platonismo amoroso, como a descoberta da belleza poderosa do verso endecasyllabo. Foi então que elle rehabilitou a forma poetica do Soneto, que estava estragado por

todos os *elmanistas*; tornou conhecido o terceto quinhentista e renovou a bella *redondilha* dos cancioneiros, deturpada pela facilidade com que a estafaram os lyricos ultra-romanticos.

Restabelecida esta continuidade entre a grande epoca quinhentista e o nosso tempo, João de Deus havia determinado os elementos fundamentaes para o estabelecimento de uma nova epoca litteraria. Deu elle este grande passo? Não, decerto, mas foi o seu principal impulsor.

O poeta escrevia sem preocupação litteraria; e d'aqui vem a sua falta de acção consciente, mas ao mesmo tempo esse caracter de naturalidade e ingenuidade da sua poesia.

Na transformação que se operou na poesia portugueza cabe a elle a parte que se refere á renovação da forma: todos os bons poetas que se lhe seguiram são seus discipulos, mesmo aquelles que, levando o culto da forma á mais exaggerada superstição, pretendem por essa particularidade accidental constituir a escola dos *parnazianos*.

Sobre estes pontos recorreremos á auctoridade de Theophilo Braga, que assim se exprime :

«O que fez Soares de Passos para a tristeza, fez João de Deus para o amor; n'elle começa a terceira phase da *Escola de Coimbra*.

«Ninguém sentiu melhor o idealismo camoniano, perdido desde o fim do seculo xvi, ninguém levou a forma á mais alta perfeição, ninguém como elle exerceu ainda uma acção mais funda e salutar na transformação da poesia portugueza. E' o mestre de nós todos. Deixou entre as gerações escolares uma tradição luminosa como de um provençal, e a sua organização absolutamente artistica prejudica-o no conflicto de uma sociedade burgueza. O que lhe faltava, e que esterilisava as suas faculdades creadoras, suppriram-no os poetas do periodo indisciplinado da *Escola de Coimbra*, que por seu turno actuaram sobre o genio de João de Deus; suppriram-no pelo estudo, primeiro, de Quinet e Michelet, depois, de Vico, Hegel e Augusto Comte, donde provieram esses dois ramos da poesia revolucionaria, socialista representada pelas *Odes modernas*, e da concepção philosophica da Historia realisada na *Visão dos Tempos*.» ⁽¹⁾

⁽¹⁾ *Parna. o portuguez moderno*. Introducção, pag. XVII. Lisboa, 1877.

O fundo, o pensamento capital das poesias de João de Deus, é o amor.

O eminente philologo e distincto poeta italiano Marco Antonio Canini, na sua esplendida antologia amorosa universal, antiga e moderna, ha pouco publicada em Veneza, com o titulo *Libro dell'Amore*, diz do nosso grande lyrico o seguinte:

«*Io considero come il primo poeta d'amore non solo del Portugallo, ma di tutta l'Europa, Geovani de Deus, ch'è affectuoso, tenero, originale.*» ⁽¹⁾

Este sentimento do amor, já tão gasto, tão piegas, tão desacreditado, tem nas *Folhas cahidas*, de Garrett, o realce sublime da verdade da natureza, porque se alenta n'essas estrophes com o ardor d'uma sensualidade tardia que devora o poeta.

Quasi a tocar na velhice elle eguala Tibullo e Propercio devorados na juventude pela paixão lasciva de Delia e de Cynthia.

Em João de Deus, o amor é uma emoção ideal como a sentia Dyotima, no *Banquete*, de Platão; é a aspiração vaga da sua alma, a chamma latente, como o segredo dos trovadores provençaes; é, emfim, uma passi-

⁽¹⁾ *Introducção*, pag. XXXI.

vidade mystica, como a exprimiram S. João da Cruz, Santa Thereza de Jesus e Frei Luiz de Leon, os grandes lyricos do amor divino.

Em uns versos escriptos para serem cantados como Lôas do Cyrio do Cabo, ha a mais surprehendente idealisação da Virgem, e na forma da perfeição suprema:

D'olhar fito n'esse olhar,
De olhos fitos n'esses olhos,
Não ha baixos, não ha escolhos
N'este mar !

Vem a onda, sobrevem
Nova onda, e nada teme
Quem te vê guiando o leme
Virgem Mãe !

.....
Por feroz que esteja o mar
N'um momento forma um lago ;
Basta só um reflexo vago
D'esse olhar. (1)

No verso da ultima estrophe: «Mãe de Deus e de Deus filha» ha essa intuição expressa por Petrarcha na celebre canção:

*Vergine pura, d'ogni parte intera,
Del tuo parto gentil figlinola e madre.*

(1) Esta canção foi depois incluída nas *Folhas Soltas*, pag. 59. No folheto avulso corresponde á chegada ao Almargem.

Era sob esta forma que Comte achava representada na arte a concepção abstracta da Humanidade.

Quando lêmos os versos de João de Deus, sentimos as resonancias da grande poesia mystica do seculo xvi: o poeta mesmo, ao traduzir o *Cantico dos Canticos*, em forma de redondilha, dá a expressão humana aos amores de Sulamite, como tambem os comprehendia o mystico *Cysne de Granada*.

O *Cantico dos Canticos*, de João de Deus, é uma verdadeira maravilha.

Fernando Leal, poeta e artista de raça, exprime-se do seguinte modo a respeito d'esta belleza surprehendente, que nos enleva, nos arrebatava:

«Victor Hugo falando das bellas traducções em verso (nota X ao prefacio de Cromwell) escreveu: «Isto é tambem um trabalho d'artista e de poeta, um labor que não exclue nem a originalidade, nem a vida, nem a creação.» Ora, não ha traducção a que melhor se possa applicar este juizo do Mestre que a versão portugueza do epithalamio biblico. Não que ella seja uma versão critica; está mesmo bem longe de ser uma interpretação grammatical do texto; os exegetas não ficariam com isso satisfeitos. E,

todavia, S. Jeronymo e o proprio Renan só teriam que admirar a obra do nosso grande lyrico, por elle ter sabido dar, n'uma linguagem palpitante de vida, perfeitamente moderna, (porque é de todos os tempos á força de verdade e de belleza,) em um estylo d'uma simplicidade maravilhosa, a exuberancia de luz, de côr, d'harmonia, de perfumes, a pompa oriental das imagens, o vigor selvagem d'acção e de paixão, que distinguem este poema d'amor e de voluptuosidade, que se attribue a Salomão, e em que se tem pretendido encontrar não sei que symbolismo-mystico. Para mim, depois de ter lido a incomparavel traducção de João de Deus, o autor do *Cantico* é o proprio João de Deus, e não esse real satyro sentencioso, que fazia, diz-se, maximas moraes . . . para uso dos outros. Effectivamente, a traducção do nosso poeta, não é uma traducção, é uma ressurreição.» ⁽¹⁾

Elle concentra em si muitas correntes tradiccionaes que pareciam extinctas; a redondilha amorosa de Christovam Falcão e de Bernardim Ribeiro, é modulada pelo nosso

(1) *Relampagos*, pag. 249 e 250.

grande lyrico, como se estivesse no mesmo estado moral d'um *Binnarder* ou *Crisfal*.

E a fusão de todas estas correntes, e o encanto que ellas produzem nos seus versos, tiram todo o seu valor da falta de pretenções litterarias de João de Deus.

Os seus versos compostos mentalmente quando deitado, como já dissemos, ou enquanto passeava pelo seu quarto, cujas paredes ao mesmo tempo ia enchendo de esboços a lapis, eram, na maior parte, escriptos pelos amigos e por elles levados para os jornaes. O poeta mesmo não soube como foi lido com assombro e como actuava no aperfeiçoamento da forma poetica.

Existem muitos cadernos manuscriptos de versos compilados pelos seus admiradores e que são realmente estimaveis pelas abundantissimas *variantes* das poesias impressas. Por ellas se póde fazer um estudo preciosissimo ácerca dos processos estheticos do eminente poeta.

Damos alguns exemplos:

A poesia á morte de Rachel de Nazareth, tem na 4.^a estrophe a seguinte variante:

Não veio o filho seu, lyrio dos vales
Nos braços d'uma cruz pregar seus braços
E expirar n'uma cruz!

Nas *Flôres do Campo*, lê-se a pag. 12 :

Não veiu o Filho seu, lyrio dos valles
Só por amor de nós, tomar nos braços
Os braços d'uma cruz?

Na poesia *O Dinheiro*:

Aquella physionomia
E labia que o diabo tem !
Mas n'uma secretaria
Ahi é que é ve!-o hem !
Quando elle de grande gala,
Entra o ministro na sala,
Aproveita a occasião:
— Conhece este amigo antigo?
«Oh meu tão antigo amigo!
(*Tlim!*)
Pois não!» (1)

.....
Quando elle sem mais nem mais
Prova que somos eguaes
E aos ministros mostra emtim
Que se a virtude e sciencia
Teve em tempo a preferencia
.....
(*Tlim!*)

Com o titulo *CA Lata*, era conhecido nas copias ineditas de Coimbra, o começo d'um poema philosophico, em bellas oitavas camoneanas, composto por João de Deus. O

(1) *Flores do Campo*, pag. 149, 2.ª edição.

titulo era verdadeiramente sybillino, e entre os academicos interpretava-se como significando a physionomia humana.

Em uma copia manuscripta traz a seguinte rubrica: «*Ao reverendissimo clero do Algarve e muito especialmente ao seu Vigario Geral. O. D. e C.*»

Nas *Flôres do Campo*, (pag. 129, 2.^a ed.) sahio um *Fragmento*, que começa da estrophe 56, seguindo-se depois mais seis estrophes ineditas e datadas de Evora. *A Lata*, começa protestando contra o celibato clerical:

Ignoro a causa porque o sacerdocio
Das mil e uma communhões (não trato
Da verdadeira que é a nossa) ao ocio
Contemplativo ajunta o celibato!
Não ter na vida carinhoso socio
Na magoa espelho, no prazer retrato...
E' triste! (Excepto se em vez d'um ou d'uma...
O frade a muitas o bordão arruma)

Foi esta, ao menos, a resposta dada
A quem de padres entendia tanto,
Que inda os fulgores d'essa luz sagrada
A Brandões mettem pejo e espanto!
«Deixae que o padre tenha esposa amada!»
Gritava em Trento o arcebispo santo;
Quando um finorio que é já santo, ao ouvido,
Lhe disse: «Muitas... é de melhor partido...»

Em uma nota no fim, explica:

«Sam Borrameu, amigo intimo de quem,

de Braga, morreu levando a verdadeira piedade, a ponto de nem Caetano Brandão o poder exhumar: alli não resta senão superstição e hypocrisia.»

Na edição do *Fragmento da Lata*, nas referidas *Flores do Campo*, João de Deus, com a alta comprehensão do seu genio superior a todo o negativismo critico, conservou apenas as estrophes verdadeiramente syntheticas, terminando por uma sublime effusão lyrica sobre o Amor.

O poema começara d'um modo sarcastico e revolucionario, mas o poeta, obedecendo espontaneamente á bondade d'uma grande alma, transformou-o em um hymno:

Amor é a palavra, o brado eterno
Solto por Deus ao vêr já feito o mundo,
Que fez tremer os carceres do inferno,
E o sol ficar da côr d'um moribundo:
A primavera, estio, outono, inverno,
Terra, céu, alma pura, bicho immundo,
Tudo ahi cabe á larga de tal modo,
Que n'essa concha Deus se fecha todo.

Amor enrola a nuvem na montanha
E espalma a onda em praia que não sente,
Ata ao raio do sol o fio de aranha,
E humilha ao conductor o raio ardente.
Quanto na rêde immensa a vista apanha,
Tudo que jaz, e cresce e vive e sente,
De Deus brotou n'um jorro de bondade,
E pode amar-se em espirito e verdade. ⁽¹⁾

(1) *Flores do Campo*, 2.^a ed., pag. 142 e 143.

E alem d'estas muitas outras variantes cuja indicação nos levaria longe, e cujo estudo nos deixa ver sempre a busca d'uma perfeição ideal que o poeta attinge. É um facto serem as suas ultimas correccões sempre superiores, e se se explicassem dariam para uma completa theoria esthetica.

A sua admiração por Camões e as grandes heresias de Castilho, dizendo que *entre a moderna geração não havia quem assignasse sem vergonha qualquer estrophe dos Lusíadas, e que estes eram inferiores ao poema D. Jayme porque não serviam para se ler por elles nas escolas*,⁽¹⁾ motivaram uma valente critica, publicada no *Bejense*, que João de Deus então redigia, e as seguintes palavras que se lêem no folheto *A dignidade das letras e as litteraturas officiaes*, de Anthero do Quental: ⁽²⁾

«Criticar uma epopêa nacional porque não serve para Cartilha do Mestre Ignacio, é o mesmo que criticar a Cartilha do Mestre Ignacio porque não serve para epopêa nacional.»

(1) Carta preambular do *D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro.

(2) É hoje um folheto rarissimo.

O poeta revelava-se tambem um critico e um polemista de força, alliando a uma graça natural e espontanea a serenidade do protesto consciente. A sua prosa, ainda que o firam, não tem o calor da indignação; vae directamente ao alvo, como uma flecha despedida por habilissimo atirador, incommodando, mortificando o Zoilo, pela enorme tortura da satyra, do fino epigramma, do ridiculo, como se pode vêr no seu livro esmagador e cruel *A Cartilha maternal e o Apostolado*, e em muitos artigos dispersos pelos jornaes.

Mas não é só no genero referido que a prosa de João de Deus é admiravel. (Elle diz sempre que a não sabe escrever). Leia-se o começo d'essa narrativa tão intima e tão sentida que em 1865 viu a luz na *Folha do Sul*, de Evora, com o titulo *Marina*, escripta com essa simpleza e ingenuidade da *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro. A linguagem pittoresca d'esse episodio triste, a revelação d'um subjectivismo irreflectido, a viveza d'esse sentimento amoroso, ás vezes pairando no vago, mas deixando sempre transparecer a realidade, tudo nos fica, tudo se nos grava indelevelmente, pelo encanto, pelo perfume, fazendo-nos lembrar

essa outra maravilha da arte — a novella pastoral do desventurado poeta da côrte de D. Manuel. E é essa mesma simplicidade encantadora, característica do genio, que se nota na sua rara epistolographia. Simples no escrever, simples na vida.

João de Deus, abandonando saudosamente Coimbra, que era para elle outra patria, depois a cidade de Beja, onde residiu por algum tempo, e sem pensar um momento sequer que era bacharel em leis, andou por muitas terras do reino, sem destino, passando semanas aqui, mezes acolá, com os amigos dos bons tempos da frequencia da Universidade, até que voltou ao Algarve.

Ali, o seu viver é interessantissimo. Ora em Messines, sua terra natal, ora em Silves, Portimão, Monchique, entregue á poesia e ao amor, inspirando-se das bellezas da natureza, passando horas e horas nas bordas dos rios ou nos pincaros dos montes, contemplativo e absorto como um celta, ou mettendo-se nos bosques em descoberta da caça, que o seu vago scismar não deixava vêr ao alcance do tiro, que devia muitas vezes a vida ás meditações poeticas do caçador, elle estava no seu verdadeiro elemento, não havendo forças que o arrancassem d'a-

quelle meio favoravel á sua organisação eminentemente artistica, nem outras seducções que o attrahissem. Ninguem seria capaz de o arrastar d'ali nem que fosse para um throno ou um palacio de fadas. Custára-lhe a deixar Coimbra porque amava aquelles logares pittorescos que foram testemunhas dos seus passatempos, das suas alegrias e tristezas, dos episodios interessantes da sua vida de estudante; porque o seu coração sentira ali os primeiros alvoroços do amor; porque foi ali que vira desaparecer para sempre o «lyrio delicado e fragil, a tenra flor» que o encantara e o revelou poeta.

Ter de abandonar, forçado pelas duras e prosaicas exigencias da vida, todos esses logares de tão saudosas recordações, era para elle um doloroso sacrificio. E foi, realmente.

No Algarve, em alegre e franca convivencia com seu irmão padre e com os seus generosos e dedicadissimos amigos Garcia Blanco e Domingos Vieira, rapazes instruidos e cuja amisade elle superiormente apreciava, a existencia corria-lhe descuidada, n'esse encanto ambicionado pela sua alma doce, d'uma serenidade inalteravel, que é uma das formas mais attrahentes e dominadoras da sua sympathica personalidade.

São d'esse tempo as bellas composições que se intitulam — *Duas rosas* — *A donzella e o musgo* — *Presentimento* — *Remoinho* — *A uma mulher* — *Carta* — *Boas noites* — *O jasmim e a rosa* — *Caturras*, (fino epigramma ás idéas dos rudes habitantes de Portimão, sobre as novidades d'uma draga e uma ponte sobre o rio) — *Na folha d'um romance* — *Margarida* — *Luz da Fé* — e muitas outras que não precisamos indicar, porque as referidas bastam para se conhecer o estado psychologico do poeta n'aquella phase da sua vida. Ellas retratam admiravelmente esses amores lendarios, esses entretenimentos que ainda se conservam na memoria dos seus conterraneos, e apparecem-nos quasi todas pelo mesmo processo das concebidas em Coimbra.

Se acontecia algumas vezes João de Deus escrever as suas poesias era para em seguida as rasgar, atirando-as para o cesto dos papeis ou para debaixo da meza.

Garcia Blanco apressava-se então em salvar aquellas joias d'alto preço, e reunindo-as ás que andavam dispersas pelos jornaes, deu á luz da publicidade em 1868, as celebres e primorosas *Flores do Campo*.

Pouco tempo depois apparecia o *Rama-*

lhete de flores, que em 1876 foi enfeixado nas *Folhas soltas*.

Embora já conhecidas do publico a maior parte d'estas formosas composições, o volume das *Flores do Campo* foi recebido com enthusiasmo, e a imprensa pelas pennas dos seus mais distinctos representantes, considerou o auctor o nosso maior lyrico moderno.

D'entre esses juizos mais elevados sobre-sae, a nosso vêr, o do illustre escriptor Alexandre da Conceição, do qual transcrevemos os seguintes periodos que definem superiormente o artista e a sua obra:

«João de Deus não é sómente um grande poeta, é um iniciador. A estrophe sáe-lhe do coração não só transparente e limpida, como um veio de crystal, mas espontanea, harmoniosa e originalissima, como todas as creações dos espiritos profundamente caracterisados e essencialmente creadores. João de Deus é um grande scismador e um grande artista. Concebe admiravelmente e executa melhor ainda. Cada lyrica é uma maravilha, cada estrophe um mimo, cada verso um primor. Reune á intelligencia apaixonada de Platão o delicadissimo censo artistico de Cellini. Ha n'aquella lyra notas e har-

monias d'uma frescura e de uma novidade dignas de Homero ou de Wainamoinen...» (1)

João de Deus estava um tanto esquecido no canto de uma provincia onde se falava mais das galantes anedoctas da sua vida, que dos seus versos, mas de repente, com o apparecimento em livro d'essas perolas que até na mais simples expressão têm poesia, o ruido em volta do seu nome toma essas proporções que jamais se olvidam, affirmando de vez a gloriosa reputação d'um homem.

E' n'essa epoca tambem que as suas eccentricidades, proprias dos genios, e os episodios interessantissimos que já d'elle se narravam, tomam maior vulto, circulando por toda a parte, despertando grandes desejos de o conhecerem pessoalmente, interessando como as aventuras dos antigos heroes ou as dos personagens das lendas orientaes.

As suas poesias como *A vida*, *Presentimento*, *A uns olhos azues*, *Maria*, e *Marina*, foram recitadas nos theatros das provincias, nos salões, por toda a parte onde chegou o seu nome, tirando-se innumeradas copias que eram guardadas como reliquias.

(1) *Jornal do Porto*, 1869, n.º 33.

Envolvido na corrente do parlamentarismo também foi eleito deputado por Silves, em 1869, devido á influencia de José Antonio Garcia Blanco e Domingos Vieira.

João de Deus nunca pensara em tal, e só a muitos rogos dos seus amigos que o fizeram eleger, entrou no parlamento.

O generoso Vieira, que foi o fundador da imprensa no Algarve, e que já não pertence ao numero dos vivos, quando lhe falavam n'esta eleição dizia que nunca lhe custara tanto a convencer um homem de que era representante do povo em côrtes, mesmo com o diploma deante dos olhos.

Deram-se por essa occasião episodios muitissimo curiosos e um d'esses foi aquelle em que o poeta montado em um jumento ia pedindo aos eleitores que encontrava, que não votassem n'elle, dizendo que *aquillo* eram cousas do Domingos e do Garcia que não deviam ser attendidas. No dia da eleição o Vieira levou-o quasi á força á egreja, para que fosse bem visto dos eleitores.

Scena curiosissima: O poeta queria a palestra habitual, mas o Vieira, que olhava constantemente para o relógio, com receio de faltar á constituição da meza, não dizia palavra. João de Deus, que parecia não dar

por aquelle silencio, ia continuando a falar, entre repetidos bocejos.

Chegou a hora de partir para a egreja. O Domingos diz com voz de trovão:

— Vamos.

— Aonde? — respondeu o poeta.

— A' eleição.

— Ainda me não tinhas dito isso.

— Ora essa! Anda, avia-te.

— Vae lá tu, homem, que eu fico; sinto-me fraco. . .

E sentou-se, dispondo-se a mudar de assumpto. Mas como não havia tempo a perder, o Vieira agarrou-o pelo braço, pôz-lhe o chapéo na cabeça e lá o levou como a uma creança docil. No caminho o poeta ainda quiz resistir por duas ou tres vezes, mas o Domingos accudia logo dizendo-lhe:

— Não me obrigues a empregar a força, — anda d'ahi.

— «E foi assim quasi arrastado que o levei; mas quando se fazia a chamada para a votação olhei e já o não vi», — dizia-nos passados tempos o saudoso Vieira, com o seu habitual sorriso.

Abertas as côrtes, se fazia o enorme sacrificio de lá ir, depois do sacrificio de pôr

a gravata e mudar de *toilette*, era apenas para não desgostar os amigos.

Fazendo unicamente a vontade a estes, João de Deus conservara-se sempre silencioso e indiferente. Repugnava-lhe esse regimen de mentira da pedantocracia; via-se rodeado de nullidades sem pundonor que approvavam tudo que vinha do *mando* e que quando o poeta estava ausente da camara se serviam do seu nome para votar as traficancias do costume, participando-lhe o facto no dia seguinte!

Estranhava-se o seu silencio, mas o genio bem sabia que a sua voz logo que expressisse a verdade não teria ali *ecco*; quando muito o ouviriam pela fama do seu nome. Provocaria mesmo os apoiados inconscientes ou os risos, com alguma phrase mais pittoresca ou algum dito mais espirituoso, mas isso de que serviria?

Se a expressão, pois, d'um ideal superior, seria ali motivo de malquerença e odio, se a idéa livre só podia trazer-lhe inimigos e desgostos, ficando ainda esmagada pelos partidos servis, para que manifestal-a? O seu amor pela justiça é grande para transigir com os que a falseiam, com a venalidade.

Não aspirando a honras balôfas, incapaz

de praticar um acto menos digno, fugiu d'essa politica miseravel que tudo cede á baixeza e indignidade.

E este homem de bem, esta gloria nacional, fixando a sua residencia em Lisboa, teve muitas vezes que coser á machina para viver! Profundamente triste, mas que prova quanto o genio sabe resignar-se e quanto é difficil corrompel-o. As necessidades da vida foram impotentes para lhe abalar por um só momento a natural independencia de character. E durante um periodo de oito annos a situação não podia ser mais angustiosa.

Theophilo Braga retrata admiravelmente o poeta em taes circumstancias, nas seguintes linhas: ⁽¹⁾

«De 1869 a 1877, em que começa o apostolado da *Cartilha maternal*, João de Deus soffreu as mais dolorosas privações com aquelle sorriso doce que transparece nos retratos de Ariosto: a submissão á realidade modificada pela imaginação, sempre animado pelo sentimento da sociabilidade. Possuimos um epigramma inedito de João de

⁽¹⁾ «As modernas idéas na litteratura portugueza», pg. 57.

Deus em que pinta a sua situação desolada,
mas para rir-se :

Vendo-me um amigo um dia
A cama feita no chão,
Por um milagre que não
Lhe deu uma apoplexia.

E, (o que é estar acostumado
Aos regalos da riqueza)
Disse-me elle:—Com franqueza,
Tu és muito desleixado ;

Um leito faz grande falta,
Eu vou-t'o já arranjar . . .
« Queres-me a cama mais alta
Morando n'um quinto andar ? »

De facto João de Deus habitava um quinto
andar na travessa da Palha.

Conservou-se o indigente poeta sempre
puro e immaculado na sua honra, conten-
tando-se com os insignificantes ganhos que
lhe vinham das suas traducções de peque-
nos livros francezes, dos seus hymnos reli-
giosos ou d'um Diccionario de collaboração
com um amigo.

Visitavamol-o n'esse tempo de maiores
privações e amarguras, e nunca o vimos
preocupado com a sua pobreza, mas sim
com a pobreza alheia. Alma immensamente
generosa, ninguém se lhe mostrasse afflicto,

que elle daria o pouco que possuisse faltando a si.

N'esse viver agonisante, sem nunca soltar um queixume, João de Deus revelava uma superioridade moral unica. Sempre o mesmo sorriso doce, o mesmo olhar limpo e sereno, a mesma amabilidade para com os que o procuravam. Nem um signal de tempestade intima, nem uma palavra de desespero, o que seria naturalissimo.

Alma tranquila como um lago.

Na casa da travessa da Palha mal cabia elle, a esposa, e ao tempo dois filhinhos, a Maria—e o José. O poeta passava a maior parte do dia a brincar com aquelles tenros sêres tão queridos, parecendo elle tambem uma creança. De sua filha dizia que ella era o segundo tomo das *Flores do Campo*.

Como esta phrase era profundamente sentida, e como nós a sentiamos tambem vindo a meiga e encantadora creança a sorrir angelicamente sobre os joelhos do pae!

Fernando Leal e Pedro dos Reis eram então os mais assiduos visitantes de João de Deus para o *cavaco* em que se phantasiavam publicações lucrativas de que o poeta se ria sempre, não acreditando nos resultados materiaes de qualquer cousa litteraria.

A' noite desciam os tres, para entrar n'um café, que João de Deus distinguia com a denominação de *democratico*, ou para dar umas voltas pelo Rocio.

Se as noites eram de luar notava-se frequentemente no poeta o quer que fosse de estranho.

Parava de subito, fitando por momentos a lua que sempre o encantara, e, dando alguns passos, ia recitando formosissimas composições espontaneas, que nunca se escreveram, nem decerto jamais se escreverão. Em seguida recommençava a eterna palestra em que sobresaía sempre a voz do Fernando com os seus desesperos momentaneos e o seu pessimismo vibrante.

N'essas noites luarentas de que ainda nos recordamos com saudade, João de Deus recolhia-se mais tarde de que o costume. Subia vagarosamente a escada da sua modesta habitação, mas quando chegava ao ultimo degrau parecia desfallecido.

O que não se passaria na sua alma vendendo-se tão pobre! Isso nunca ninguem o soube porque nunca soltou uma phrase de revolta.

Theophilo Braga diz: «... E para cumulo do soffrimento, compunha quadras e

disticos para papeis de rebuçados de uma confeitaria! E' a agonia de Gethsemâni.» (1)

Custa a acreditar que d'essa amargura, agravada com a doença de amados sêres, não brotasse a aspereza, e antes pelo contrario, a sua voz dôce continuasse a revelar a limpidez d'alma, e a sua sympathica physionomia a surprehendente resignação do martyr.

Mas o Christo tão dôce, tão terno, tambem se indignou. Como elle, João de Deus teve um momento de indignação, talvez unico na sua vida, não contra a dura sorte, mas contra quem lhe perturbava o socego da familia, que elle tanto adora.

O seguinte soneto, que data d'esse tempo em que morava na travessa da Palha, e que é uma vibrante satyra politica, bem o prova:

Ditosa d'uma augusta personagem!
Que em exhalando o ultimo suspiro,
De quarto em quarto d'hora ouve-se um tiro,
O que é de uma grandissima vantagem!

Nós cá temos no lucto outra linguagem,
Que é o pranto, o silencio e o retiro;
Elles, tiros de peça! Não admiro!
São pessoas de altissima linhagem.

(1) «As modernas idéas na litteratura portugueza», pg. 57.

São pessoas reaes; os mais, abortos,
Em que os cavallos do seu coche encalham;
E elles vão indo, extaticos, absortos...

Não se lhes dá das lastimas que espalham,
E ainda menos que, depois de mortos,
Quebrem o somno aos pobres que trabalham.

Este soneto é allusivo ás salvas funeraes da imperatriz, viuva de D. Pedro IV. A proposito transcrevemos de Fernando Leal parte do bello folhetim publicado no *Districto de Faro*, de 10 de outubro de 1888:

«Era por 1870 e tantos, em Lisboa. Fal-lecera a «augusta personagem» de quem se trata n'aquelle soneto. Em consequencia d'esse passamento real, ou imperial, durante tres dias e tres noites o castello de S. Jorge, os fortes da barra e os navios surtos no Tejo, atroavam os ares, de quarto em quarto de hora, com o estridor dos seus tiros. A cidade inteira estava sobressaltada, alvoroçada, com os frequentes estampidos da funebre artilheria; os predios tremiam, como se os abalassem successivas convulsões subter-raneas; as crianças choravam de terror; os habitantes todos não socegavam; ninguem dormiu em Lisboa, n'essas longas e afflictivas setenta horas. Quem escreve estas li-

nhas dormiu algumas vezes, em pleno sertão africano, embalado pelos roncoss do leão ou pelas casquinadas estridentes e sarcásticas das hyenas; mas não foi capaz de adormecer durante essas tres noites e esses tres dias de supplicio neo-dantesco . . .

«Ora, na terceira d'aquellas noites de fragor, de insomnia e de pesadelos para a cidade do Tejo, eis o que se passava em um quinto andar da travessa da Palha, onde então morava, com sua familia, o segundo poeta lyrico de Portugal; — porque o primeiro é Camões; primeiro como lyrico, pois, como épico, já se sabe que é unico. Um irmão de João de Deus, o estimabilissimo padre Antonio Ramos, que passou aquella noite no escriptorio do poeta, foi quem me contou isto. João tinha pessoas de familia doentes; a insomnia forçada e o sobresalto continuo eram um desespero, cuja causa era soberanamente estúpida; pois outra coisa não se pode chamar ao facto de incommodar e affligir milhares de vivos por causa de vãs honrarias, prestadas a uma pessoa morta. Alta noite, padre Antonio sente no silencio da casa um lento arrastar de chinellos e uma voz de estremunhado approximar-se, resmungando. Era o poeta, que do

seu quarto de cama se encaminhava para o escriptorio, a falar só. E o padre, na calada da hora, percebeu estas palavras: «— Deixa estar, minha figurona, que já não vaes sem soneto ao rabo!»

«É textual. E eu seria um franco imbecil se por medo de ferir conveniencias, adulterasse a phrase, para lhe atenuar a pittoresca energia.

«Padre Antonio, contendo a custo uma gargalhada, fingiu que dormia, para não perturbar a *vis* poetica do irmão. Entrou o poeta no escriptorio, abancou-se e escreveu o soneto que se lê a paginas 94 das *Folhas soltas*.

«É essa composição terrivel, em que perpassa não sei que sôpro do *Magnificat* (*deposuit potentes de sede!*) quando, á ironia agudissima dos quartetos, succede a cólera, tanto mais explosiva quanto se vê que é repressada, dos tercetos.

«O lyrico meiguissimo das *Flores do Campo*, — *affettuoso e ténero* — como lhe chamou um illustre escriptor italiano, transfigurara-se, como se transfigurou o manso Jesus, que se enternecia perante as mulheres e as crianças, para expulsar os vendilhões do templo, a golpes de azorrague. A

indignação, como a Juvenal, ditava ao poeta aquelles versos, cujo tremendo remate mais parece bramido por um Isaías do seculo do Anarchismo e do Nihilismo. Com effeito, dir-se-hia que o poeta arrancou, essa noite, as cordas diamantinas da sua lyra, para as torcer em um lâtego de raios, com que fustigar os venerados lombos dos poderosos d'este mundo.»

Se João de Deus voltava novamente á satyra, n'um impeto de ira mansa, movido pelo sentimento carinhoso, pelos cuidados que lhe inspiravam os seus doentes, a sua alma boa, toda de ternura, sentia-se melhor tresbordando o sentimento da desgraça. Assim concebe quasi ao mesmo tempo essas bellas poesias intituladas *Miseria* e a *Engeitadinha*, a primeira publicada pela primeira vez no *Jornal da Noite* e a segunda na *Renascença*, e que tão populares se tornaram.

É sempre a alma afflicta, torturada, não só com os quadros tristes que via com os olhos do corpo, como com os que via com os olhos do espirito.

Por fim, nem mesmo o passeio á noite já lhe appetecia.

Confinando-se do modo mais absoluto na vida domestica, parecendo existir apenas pela serena idealisação do bello, só continuavam a vel-o os intimos que o procuravam.

Porém, casado e com filhos, era precisa a actividade áquelle grande espirito. O sentimento achou a forma affectiva para a sua organização, n'esse movimento pedagogico que o poeta iniciou, como já referimos, em 1877, com a celeberrima *Cartilha Maternal*, e em que se resolve d'um modo pratico e evidente o problema do ensino popular.

Se bem nos recordamos, o primeiro analphabeto de que João de Deus lançou mão para a experiencia do seu inspirado methodo, foi um preto da vizinhança. O rapaz era pontual á hora da lição. Pouco intelligente, fatigava o poeta com repetidas explicações e successivas leituras. Nós pasmavamos da paciencia do Mestre, que, com uma doçura infinita, ia dizendo depois de explicar, e como que para desabafo: «lê macaco. . .»

A *Cartilha Maternal* vinha fazer uma verdadeira revolução no ensino, destruir por completo os velhos methodos cretinisantes, absurdos.

A guerra desleal que então lhe moveram

tocou o cume da indignidade porque os methodos officialmente adoptados perigavam. Eram, pois, unicamente, os interesses feridos, que provocavam as cóleras dos pedagogos. No entanto as crianças e adultos affluíam a casa do poeta.

Mas vejamos rapidamente o que é a Arte de leitura de João de Deus «que a Hespanha se orgulharia de possuir» na phrase do eminente publicista e parlamentar D. Rafael de Labra. Ninguem melhor de que o proprio autor pode explical-a. Diz elle:

«As vogaes ensinam-se logo pelo seu nome, *expressamente* pelo seu nome, sem mnemonicas anecdoticas de Castilho, nem mimicas de Grosselin, porque o nome é uma necessidade do espirito humano, e nada para elle mais consentaneo, mais facil de reter que o nome, e se as tres invogaveis seguintes o auctor se dispensa de as nomear, é porque essas tres letras são d'um valor proferivel, apreciavel, e não aphonico, como *b* ou *p*., e porque não ha ainda elementos para dar ao alumno a theoria da distincção de vogaes e invogaes, e para a theoria dos nomes das invogaes, theoria pela qual elle depois claramente tira do valor o nome, e do nome o valor. Tudo é ouvido, tudo é ex-

plicavel, tudo é ordenado e verdadeiro : resultando d'ahi que um professor competente do methodo nunca poderá dizer, nem ouvir sem oppôr—*distingo*, estas palavras do *Manuel des Maitres*, de M. ^{me} Carpentier :

« De toutes les études, celle qui coûte le plus à l'enfant, qui est le plus antipathique à sa mobilité, c'est sans contredit l'étude de la lecture. »

Os professores do methodo, que sempre se pôde chamar portuguez, e agora se pôde chamar nacional (pois é manifesto pela lei que o intento dos poderes publicos é que elle se generalise), podem dizer perfeitamente o contrario : Nada mais agradável ás crianças ! Crianças e adultos ; pois como nada d'aquillo é artificial e armado ás condições transitórias do gosto e sentimento do alumno, o avô e o neto têm o mesmo gosto e o mesmo sentimento de acquiescencia, porque o seu espirito tudo abraça, tudo assimila pela sympathia natural da verdade reconhecida. Mas que methodo a final, é esse ? não é um methodo de soletração ou um methodo de syllabação, como tantos outros, para fazer tão extraordinaria differença, como se diz, de todos os conhecidos ?

O methodo é a negação quasi absoluta

dos principios conhecidos e a negação absoluta de todas as praticas conhecidas. Não se soletra nem se lê como sempre se entendeu soletrar e lê; soletra-se e lê-se d'um modo inteiramente desconhecido, analyticamente, exactamente, verdadeiramente. Põe-se a escripta em relação de identidade com a palavra; esta é pela primeira vez reduzida aos seus verdadeiros elementos que descem, na lingua portugueza, de trinta e tres a vinte e dois! Mais de metade do alphabeto passa a *ler-se em silencio*... absurdo que ainda hoje aterra as escolas normaes. Em summa, é pela primeira vez, *racionalisada* a leitura; e assim posta em harmonia com a intelligencia humana, pela verdade, o ensino passa naturalmenté de tormento a deleite e de interminavel, a inscrever-se nos limites de vinte e quatro horas, nos limites d'um só dia!» ⁽¹⁾ .

.....

Na *Cartilha maternal* e o *Apostolado*, brilhante collecção de artigos publicados em varios jornaes do paiz, provocados pelos ataques dos rotineiros do ensino, João de Deus depois de demonstrar que «antes da

(1) *Diccionario Universal da vida pratica*, pag. 203 e 204.

Cartilha maternal não havia arte de leitura, nem a podia haver antes d'uma verdadeira analyse da fala que se applicasse á orthographia», e de evidenciar «muitos erros incompatíveis com toda a leitura,» verdadeiras monstruosidades em fim, conclue :

«Abrir a espiritos incultos caminho por estas selvas, caminho alumiado, plano e de ondulações suaves, era obra de meditação ou de ventura; se era de meditação, ainda ninguém tinha meditado bastante; se era de ventura, bem podemos dizer sem immodestia que nos coube em sorte o achado.

«*Passibus ambiguís Fortuna volubilis errat.*»

Aos que pretendiam que o seu methodo, que elle parece amar mais que os seus versos, fôra imitado do estrangeiro, respondeu em uma singela carta-folhetim do *Diario da Manhã*, o seguinte: «... quanto melhor fôra que alguns, em logar de se occuparem do que vae lá tão longe, fossem por exemplo ali ao Limoeiro, ou ali ao curso nocturno do Largo de Santa Clara vêr como em vinte tantas lições curtas e amenas se acaba de lêr a *Cartilha*, e se lêem outras cousas, sempre com analyse e synthese, por principios, com conhecimento de causa, com consciencia.»

A historia d'essa concepção verdadeiramente genial, narra-a elle do seguinte modo na alludida carta : « . . . fui convidado, ha uns 7 annos, pelo sr. Rovere a compôr uma cartilha. Não era justo aproveitar-me de trabalhos alheios para lhes fazer concorrência; e por isso o meu proposito foi logo não tomar conhecimento de publicações analogas, limitando-me ao estudo do assumpto. O proprio methodo do sr. Antonio Feliciano de Castilho, que eu aliás tinha no conceito devido á obra mais falada do auctor, esse mesmo não foi exceptuado da minha abstenção ou, antes, religioso respeito. Direi mais : não por descuido, mas desviado por outras obrigações, ainda hoje o conheço, como então, só por fama.

«Em nada, e o meu aproveitamento o attesta, me posso gabar de discipulo de tão insigne mestre. As suas obras, excepto *Ecco e Narciso*, que li na mocidade, e ultimamente *O Medico á força*, são-me totalmente desconhecidas. Do methodo apenas sei uma regra que um dia me recitou um fervoroso apostolo do celebre pedagogo :

A, e, i, o, u, vozeiam
Quando em cima o páo lhes vem;
Mas vão quasi caladinhas
Quando carapuça têm.

«Sem querer por esta particularidade, julgar da analyse que presidiu ao trabalho do sr. Antonio Feliciano de Castilho, é certo que *vozeando* as vogaes tanto com páo como sem páo em cima, (sem páo mais vezes incomparavelmente) e não indo quasi caladinhas quando têm carapuça; nem a forma nem a idéa me convidavam a utilizar-me.»

E continua definindo o seu trabalho singelamente :

«Assim reflectindo, achei que dos varios typos devia escolher o mais usual; que d'esse typo devia escolher o alphabeto minuscuro que é, relativamente, muito mais usual; que d'esse alphabeto devia escolher as vogaes que são as letras mais usuaes e até indispensaveis, porque sem vogal não ha syllaba; que nos limites da linguagem usual, devia logo com essas vogaes formar palavras, para dar ao espirito do alumno idéas, assim como lhe dava á vista imagens; e depois de postas por ordem as invogaes, segundo a natureza e simplicidade dos seus valores, il-as apresentando de uma em uma incorporando-as com as vogaes e invogaes já conhecidas, sempre em palavras de preferencia usuaes; por fim apresentar e empregar o alphabeto maiusculo, entremeando na mar-

cha as regras prosodicas necessarias.—Este plano ainda hoje me parece ao alcance de todos; etc.»

Theophilo Braga diz :

«Nada mais racional e claro; porque a ordem alphabetica é arbitraria, e a soletração absurda. O conhecimento das vogaes presta-se a uma leitura ou applicação immediata de algumas palavras, por onde quem aprende penetra o systema da escripta. O conhecimento das consoantes faz-se seguindo as relações de som e emprego na linguagem, tomando successivamente mais vasta a applicação dos signaes alphabeticos.»

Desanimados por não acharem comparação como primeiro pretenderam, entre a *Cartilha Maternal* e varios methodos francezes, inglezes, hespanhoes e italianos, os adversarios da *Cartilha Maternal*, lembraram-se ainda, como ultimo reforço, de aventarem que o methodo João de Deus era imitado do allemão.

Uma escriptora illustre, natural d'esse paiz e cuja auctoridade em assumptos pedagogicos, é incontestavel, a sr.^a D. Carolina Michaëlis, põe termo ao boato molevolo dos pedagogos portuguezes dando noticia dos diferentes methodos allemães que João de

Deus absolutamente desconhecia, estudando-os e comparando-os entre si e com o do nosso pedagogista, concluindo por affirmar a originalidade genial d'este.

Até um dos mais severos criticos da *Cartilha*, o sr. Manuel Cirne, confessa que ella veio demonstrar exuberantemente — que o poeta possui um talento privilegiado e uma propensão natural para o ensino, como raro se verá, prestando á instrucção um serviço inapreciavel; e o sr. Adolpho Coelho, que, por systema, de tudo diz mal, fez identica affirmação.

Não era preciso mais para o triumpho completo do innovador.

Mas, como os impertinentes microscopicos continuavam a não querer dar-se por vencidos, o grande educador, despresando essa guerra desleal que não produzia o effeito desejado por tão numerosos mediocres invejosos, ia, por simples divertimento, em engraçadissimas respostas e admiraveis satyras, apontando-os tranquilamente á irrisão publica. O livro *A Cartilha Maternal e o Apostolado* é, como já dissemos, uma bella collecção d'esses documentos que só os dispausterios e baixesas dos zoilos ignorantes poderiam motivar, porque João de Deus

acata todas as opiniões que não envolvam a má fé e a indignidade.

O seu methodo, apesar de todos os esforços para o annullarem, foi-se propagando, sendo hoje adoptado por quasi todos os professores primarios do paiz, pelas camaras municipaes e pelos particulares que desejam ensinar os seus filhos. Os resultados obtidos já ninguem se atreve a contestar; elles se acham patentes em innumeros relatorios, em jornaes e em cartas que o auctor possui, vindas diariamente de todos os pontos do reino. E' de esperar que em breve se generalise e que o governo decrete a sua adopção obrigatoria nas escolas do estado.

Theophilo Braga, na biographia já referida da *Renascença*, publicada em seguida ao apparecimento do methodo, diz a proposito d'elle o seguinte:

«Concebeu a *Cartilha Maternal* mas sem fazer d'isso uma especulação como o Methodo repentino de Castilho. Com esse genio que é a bondade e a intelligencia, resolveu o problema pelo ponto de vista natural e suave.» E conclue: «Não é este homem um benemerito da nação? Se n'este paiz existir algum dia um ministro intelligente, que lhe mande entregar a pensão annual que

recebia Castilho; se ha uma Academia que prebenda os que no seu seio julga terem sido prestantes ás letras, que o receba, para que nos livrem da vergonha que macula o seculo que deixou morrer Camões ao desamparo.»

E nós diziamos tambem no primeiro esboceto biographico de João de Deus :

«Nada d'isto ainda se fez, e o nosso primeiro lyrico da segunda metade do seculo XIX, o prestante cidadão, continua a ensinar gratuitamente o methodo a todos os professores que o procuram, vivendo apenas do producto do livro, que por vezes lhe têm querido roubar.

E os governos formados de individuos seus condiscipulos e seus admiradores, não têm a coragem de libertar este espirito da angustia das exigencias do pão quotidiano. Se algum d'esses homens ainda o procura é só para lhe ouvir a conversação attrahente.»

Para honra nacional estes brados vieram felizmente a achar ecco no parlamento de 1888. ⁽¹⁾

Foi o illustre deputado açoriano Augusto Ribeiro, que, depois de proferir um brilhante

⁽¹⁾ 7 de fevereiro.

discurso, submetteu á approvação da camara o seguinte projecto de lei :

«Artigo 1.º É declarado nacional o methodo de leitura *Cartilha Maternal*, de João de Deus.

Art. 2.º Fica auctorisado o governo a crear um logar de commissario geral do novo methodo⁽¹⁾, cuja nomeação, de character vitalicio, recahirá na pessoa do seu auctor, attribuindo-lhe a pensão annual de 900\$000 réis.

Art. 3.º O governo dará o desenvolvimento necessario ás disposições dos artigos antecedentes, para a sua melhor e mais efficaç execution.

Art. 4.º Fica revogada toda a legislação em contrario.»

A approvação d'esta proposta foi recebida com immenso jubilo por todo o paiz, tão pouco habituado d'uns tempos a esta parte a vêr praticar pelos poderes publicos actos de justiça.

(1) Pela ultima reforma da instrucção primaria, de José Dias Ferreira, abril de 1892, foi extinto o logar de commissario da *Cartilha Maternal*, ficando João de Deus addido ao ministerio do reino.

Ficavam assim assegurados a um bem-merito da patria os meios de subsistencia que elle não sollicitara, mas que a nação inteira reclamava.

Consagrando-se ao apostolado da educação popular e infantil novas sympathias vêm aninhar-se constantemente em seu seio.

O discipulo, creança ou adulto, é mais um amigo.

E quantas vezes o não temos visto preocupado com a desventura de muitos que vão receber ou já receberam d'elle a luz, matando a fome a uns, vestindo ou diligenciando collocar a outros! Mas a sua vida está cheia d'estes actos de generosidade com que os beneficiados ficam profundamente commovidos e elle sentindo não poder pôr termo a todos os soffrimentos.

A miseria opprime-lhe a alma, produz-lhe uma impressão dolorosa, esmagadora, que o deixa quasi prostrado.

Ah! se elle podesse possuir todos os thesouros da terra para os repartir equitativamente. . .

Como d'antes, está ainda tempos e tempos sem sahir de casa, e nos momentos livres do ensino entretém-se com as flores e

as aves, que o enlevam, ou a conversar com os amigos que o visitam.

N'esta concentração de espirito é que João de Deus se elevou a um grande desenvolvimento das suas faculdades de abstracção, chegando sem uma educação mathematica completa a empregar a solução do problema geometrico da triseccão do angulo, a que elle chama «*charada humana*», em opposição a essas que se iniciam nas folhas hebdomadarias e nos almanachs, as mais das vezes para se descobrir n'ellas o nome d'um quadrupede, offerecendo-se premios a quem as decifrar.

Dois mathematicos distinctos, os srs. Marianno de Carvalho e Francisco Horta, demonstraram, o primeiro analyticamente, e o segundo trigonometricamente, que a solução apresentada pelo nosso poeta não é *geometricamente* verdadeira, mas muito proxima da verdade, e por isso lemos o seguinte:

«Ninguém ignora que desde remotas eras os mais distinctos geometras teem procurado a resolução d'este problema, a qual é hoje considerada mathematicamente impossivel *por meio de regua e compasso*; comtudo a solução dada pelo sr. João de Deus, é

talvez a que se approxima mais da verdade.»⁽¹⁾

A dedicação ao ensino não o roubou inteiramente á poesia, pois que de vez em quando continuam a apparecer pelos jornaes versos seus, que são logo colligidos, e em que prevalece a nota da sua organisação sympathica.

Chegados a este ponto, não podemos deixar sem registo um dos actos mais nobres e reveladores do seu character affectivo.

Referimo-nos á sentidissima homenagem que por sua iniciativa os poetas portuguezes e brazileiros tributaram aos filhos de Theophilo Braga, fallecidos na flor dos annos.

João de Deus, ante a grande dôr moral que esmagava um casal infeliz, sentiu-se profundamente abalado. Nem havia a esperar outra cousa da sua natureza delicada, toda compaixão e ternura. O pensamento de consolar, se consolação alguma podesse haver para os acabrunhados paes, veio-lhe immediatamente, como que descrevendo um circulo luminoso.

Fômos dos primeiros a conhecer o pensa-

(1) Vid. *Commercio de Portugal* (1884) n.º 1:557.

mento do poeta. Tratava-se d'um verdadeiro monumento de piedade, que outra cousa não é esse livro immorredouro que se intitula *A maior dôr humana*, publicado em 1889.

Os seus cuidados, os seus receios nos convites a adversarios de Theophilo Braga, preocupando-se mais com os resentimentos que ainda podessem existir n'este, do que com as recusas dos outros, as consultas delicadas, a actividade excepcional da correspondencia necessaria, tudo isso bem observado e minuciosamente descripto, daria uma pagina de alto valor psychologico para o estudo dos espiritos superiores.

NOTAS SOLTAS

A doença que prostrou no leito e a que dias depois succumbiu o mallogrado auctor d'este opusculo — *João de Deus e a sua obra* —, não permittiu que elle lhe pozesse termo, completando-o segundo o plano concebido. Era a conclusão da sua obra a maior preocupação dos seus ultimos dias. Faltava-lhe ainda terminar a descripção do episodio que começara a relatar, a publicação de *A maior dôr humana*, e addicionar-lhe os dois ultimos factos capitaes a que se referia na explicação preliminar: — a publicação do *Campo de Flôres* e a glorificação do genio.

Para de algum modo satisfazer — ainda que imperfeitamente — os desejos da viuva e do editor, pensámos poder completar o livro posthumo de Reis Damaso com os artigos que a proposito d'esses factos escrevera para o jornal madrileno *La Justicia*, mas infelizmente a noticia do apparecimento do *Campo de Flôres* não obedeceu ao pensamento, que presidiu ao ultimo esboço

biographico, e a descripção da apothese feita a João de Deus não chegou a ser inserta n'aquelle jornal e, apesar de todos os nossos esforços, não conseguimos obter o manuscrito.

Assim, na impossibilidade de completar o opusculo com trechos do proprio auctor, respeitando o plano que traçara, limitar-nos-hemos a dar em notas soltas os materiaes que elle tencionava aproveitar no complemento da sua obra.

*
* *

Sobre a iniciativa tomada por João de Deus de prestar aos filhos de Theophilo Braga a piedosa homenagem que veio á luz na corôa poetica intitulada *A maior dôr humana*, eis duas cartas do grande poeta a Reis Damaso, que este tencionava incluir, no todo ou em parte, na sua obra:

Lisboa, 11-12 86.

Meu amigo

Felicito-o pelos seus annos. Mas veja o que é o mundo! Ainda ante-hontem tive pena de não saber mais cedo do fallecimento do filho do nosso amigo para lhe pedir o que pedi a meu conchudo e ao Ayallo, tambem amigo do nosso Theophilo, — e era que por mim ou tambem por si fossem acompanhar o cadaver do innocente. Eu não tenho fato preto nem me animo

a il-os ver tão cedo. Sou um fraco que só posso communicar fraqueza. Mas que coisa tão impropria da occasião. Volto aos parabens pelo dia, e parabens sempre de se não achar pela natureza ligado a seres que a morte só nos póde arrancar, despedaçando-nos tambem a nós.

Do c.

João de Deus.

Meu amigo

O segredo não é possível guardar-se. Hoje o pensamento é — collecção de elegias que debaixo do titulo de corôa funebre se offereça ao nosso amigo Theophilo em pergaminho, e autographa: publicação esmerada de producto destinado a uma corôa de bronze moldurando os trechos mais adequados das mesmas elegias, gravados em chapa de cobre. Para essa collecção convem o meu amigo sondar com a diplomacia ou a franqueza que julgar conveniente se o nosso amigo abre as portas do cemiterio a todos a quem eu me possa dirigir ou nos possamos ambos dirigir, ou se lhe seria desagradavel ver na collecção o nome dos seus inimigos pessoas ou indifferentes. Eu vejo bem o que faria no seu caso d'elle, mas é essencial não lhe fazer um presente ingrato. Antes das suas informações suspendo o convite a poetas como o Pato, Camillo, etc. Já tenho autographos de Luiz Guimarães, Fernando Leal, e vou ter de Castellões, Joaquim de Araujo, etc. Tudo se fará em Pa-

ris, onde espero que haja processo de encher a
prata ou ouro a gravura no cobre. Confio que
Portugal e Brazil deem para a limitada despesa.
Do c.

João de Deus.

Errei o primeiro verso da segunda quadra dos
versos. Darei copia dizendo

Nunca me esquece a estrella

em lugar de

Não me esquece, . . .

ou ficará no reservado, pela pequena differença,
para a nossa collecção.

S. C. 2-6-87.

A poesia a que João de Deus allude n'este
post-scriptum é a seguinte que se encontra a
pag. 17 do livro *A maior dôr humana*:

PRIMEIRO LEITE

Na morte do Theophilinho

Flor do meu coração! mimoso fructo
Do meu primeiro amor!
A quem ainda abraço, beijo e escuto . . .
Por cumulo de dôr!

Não me esqueço da estrella, cujo brilho
Apenas entrevi!
A mãe nunca se esquece do seu filho!
Não me esqueço de ti.

Andorinha da minha primavera!
Que te acolheste ao lar
De quem, havia tanto, estava á espera
De te ouvir gorgear;

Mas ao pousar no tecto d'esta casa
(Que sorte Deus nos deu!)
Cobriste a cabecinha com a aza,
Avesinha do céu!

E a mim resta-me a dor que me consomme
Resta-me o meu pezar!
Resta-me a terra fria que te come,
Saudade sem par!

Foste a flor que ao abrir cahiu da haste
Logo pela manhã!
E se é tambem em pó que te tornaste...
Como esta vida é vã!...

Como Deus nos converte em noite o dia!
Em escuridão, a luz!
Em dor profunda, a intima alegria!
Em summa a gloria, em cruz!...

Eras o meu enlevo, a minha gloria!
E se ao menos tambem
Se apagasse essa imagem da memoria
Da tua triste mãe!...

Flor do meu coração! mimoso fructo
Do meu primeiro amor!
A quem ainda abraço, beijo e escuto...
Por cumulo de dor!

Theophilo Braga no seu livro *As modernas ideias na litteratura portugueza* exprime-se d'este modo ácerca do bello pensamento de João de Deus:

«Quando a morte me feriu no mais intimo do meu ser levando-me os dois filhos que eram a razão da minha existencia, elle veio dar-lhes a immortalidade subjectiva, vivificando-os pela poesia, nas emoções eternas da obra da Arte. Sob o titulo *A maior dôr humana*, reuniu um feixe de elegias, que elle pediu a todos os poetas da geração actual, para entretecer a grinalda depositada sobre a sepultura das duas crianças.

«O expressivo titulo do livro é tomado do inimitavel soneto consagrado por Camillo Castello Branco á terrivel calamidade que o impressionou, a ponto de lhe apagar um antagonismo de vinte annos.

«Outras composições de escriptores de longo tempo separados de mim por dessidencias litterarias e criticas, aqui apparecem como o signal de uma piedosa pacificação diante da desgraça que deixou em trevas a pequena familia.

«E' esta a nota dominante em todo esse côro de vozes amigas, vozes sentidas, eloquentes, que impressionam profundamente, e com palavras que se não podem lêr sem chorar.

.....

«João de Deus conseguiu o seu intento, que era dar áquellas pobres crianças, arrancadas á

vida aos treze e aos dezesseis annos de idade, uma nova existencia subjectiva no espirito de todos os que sentem e amam.

«Bastava uma estrophe do poeta para que essa immortalidade fosse effectiva; elle quiz mais, e foi pedir a todos os poetas uma nota de sentimento para compôr esta melopêa, que tanto commove. As composições estão significativamente dispostas, desde a descripção da agonia e paroxismo até á ultima pá de terra, que fecha para sempre aquella sepultura que esconde duas crianças tão bem nascidas e tão amadas.»

*

* *

No estudo sobre João de Deus feito por Theophilo Braga em *As modernas ideias na litteratura portugueza*, ao qual pertencem os trechos acima transcriptos, já se reclamava a necessidade de fazer-se uma edição authentica e definitiva da obra lyrica do grande poeta, emquanto elle está vivo. Os desejos manifestados pelo eminente poeta da *Visão dos tempos* foram satisfeitos, graças ás suas proprias diligencias e solicitações instantes junto do maior lyrico portuguez do nosso tempo. Em 1893 sahiu á luz o *Campo de Flores*.

Dando noticia do seu apparecimento e do modo como o volume foi recebido, dizia Reis Damaso em carta de 16 de janeiro do anno seguinte para *La Justicia*, onde foi publicada em 19:

«No meio d'esta agonia lenta de uma nação que foi outr'ora forte e cuja salvação só é possível pela federação com a Hespanha, consolamos em alto grau o brilhante movimento litterario d'estes ultimos tempos.

«Como n'uma chronica semanal não posso estender-me muito, só darei conta das mais recentes producções.

«O acontecimento litterario da actualidade é um famoso livro de João de Deus intitulado *Campo de Flores*, que um dos seus maiores admiradores, Theophilo Braga, coordenou e fez publicar depois de um trabalho enormissimo e verdadeiramente admiravel, o qual se considera mais um triumpho para o infatigavel obreiro do nosso movimento intellectual e politico.

«João de Deus é o mestre da poesia contemporanea, como Camões o foi da poesia do seculo xvi. As obras d'este hão de viver sempre; as de João de Deus passarão tambem á posteridade. Os dois genios encarnam em si a alma portugueza.

«Por isso, o seu livro *Campo de Flores* foi recebido pelo publico com enthusiasmo e o dia do seu apparecimento nas livrarias considerado como dia de gala para a litteratura nacional.

«Um escriptor novo, de grande talento, admirador de João de Deus, Trindade Coelho, não estando de accordo com Theophilo Braga porque preferia a selecção das surprehendentes poesias de João de Deus, publicou na *Revista Nova* um artigo consciencioso que provocará uma polemica litteraria, tão necessaria no nosso meio in-

tellectual, e no qual se põem a nú os descuidos e as incorrecções do glorioso poeta, incorrecções e descuidos que Theophilo Braga deliberadamente deixou passar para que se possa estudar e comprehender a obra do genio na sua espontaneidade e sem preocupações. O artigo em questão é muito discutido, não só por ser o trabalho de um escriptor de raça, de um artista distincto, como também porque revela uma independencia de espirito e um desejo nobilissimo de prestar um serviço á litteratura do seu paiz. Isto, que é um estímulo para a producção intellectual e um verdadeiro repto ás intelligencias indifferentes, não obscurece a gloria de João de Deus, nem a de Theophilo Braga, porque Trindade Coelho é o primeiro entusiasta d'estes dois illustres escriptores, e bem merece que se registre o seu artigo como um documento de perfeita honradez litteraria.»

Trindade Coelho colligiu algumas poesias de João de Deus que não entraram no *Campo de Flores* e o dr. Rodrigo Velloso colligiu outras: Theophilo Braga tinha promettido a Reis Damaso, para entrarem em appenso ao opusculo sobre *João de Deus e a sua obra*, sessenta poesias que ainda não tinham sido incorporadas no *Campo de Flores*; mas, dias antes do prematuro fallecimento do auctor do opusculo, escreveu-lhe annunciando não lhe ser possivel cumprir o promettido, porque tendo-se esgotado a edição de 2:000 exemplares em pouco mais de anno e meio, ia entrar immediatamente no prélo

a segunda edição, onde seriam definitivamente incorporadas. Eis o índice das

POESIAS DE JOÃO DE DEUS
ENCONTRADAS DEPOIS DA PUBLICAÇÃO
DO «CAMPO DE FLORES»
EM 1893

Colligidas pelo Dr. Rodrigo Velloso do Ms.
da Bibliotheca de Evora
(C — 2 — 16) nos opusculos «João de Deus»
«Algumas poesias suas»

- * Vivo só (p. 25).
- * A Victoria (p. 28).
- * Visão (p. 30).
- * Amelia (p. 33).
- * Padre Frei Francisco (p. 35).
- Ao Manuel Quaresma (p. 38 do ms. do Visconde da Esperança).
- * Hymno academico (p. 41. Do Scholastico Eborensis, n.º 5, 1861).
- Deputação (p. 82) — Communicado pelo Desembargador Pinto Osorio.

No segundo opusculo, com poesias extrahidas
do album do Dr. João de Sousa Vilhena

- * Liberdade de imprensa (p. 9).
- Balão (p. 10).
- * Receita (p. 11).
- * Vocação (p. 12).
- * Epigramma (p. 14).
- Soneto (p. 15) da revista *Renascença*.
- A Estrella do Egypto (p. 23).

* Oh mamã (p. 25)

O Cego (p. 40) — Incerta segundo o Dr. Velloso.

() signal * indica as que também foram publicadas por Trindade Coelho.

**Colligidas por Trindade Coelho sob o título
de «Dispersas»**

Camística (p. 49) — Dr. Velloso, opusculo, p. 54.

No album de D. Guiomar Torrezão (p. 50; Dr. Velloso, p. 55).

Novo methodo (p. 50; Dr. Velloso, p. 56).

Morte do Papa (p. 50; Dr. Velloso, p. 57).

Um lente (p. 51; Dr. Velloso, p. 58).

Censura (p. 51; Dr. Velloso, p. 59).

No lyceu do Maranhão (p. 52; Dr. Velloso, p. 60).

Vaes tão depressa (p. 53; Dr. Velloso, p. 62).

Mais me enleva (p. 53; Dr. Velloso, p. 63).

Gargarejo (p. 53; Dr. Velloso, p. 64).

9342 (p. 54; Dr. Velloso, p. 65).

Um valente militar (p. 54; Dr. Velloso, p. 67).

Visão (p. 55; Dr. Velloso, p. 30).

Vivo só (p. 56; Dr. Velloso, p. 25).

Resposta (p. 58; Dr. Velloso, p. 17, 2.º op.).

Hymno academico (p. 60; Dr. Velloso, pag. 41).

Mãe dos orfãos (p. 63).

A uns cabellos (p. 63).

N'uma exposição (p. 64).

Amor de poeta (p. 64). Com quatro estrophes a mais do
que o *Thuribulo do Campo de Flores*, p. 55.

Amelia (p. 66; Dr. Velloso, p. 39).

Andaluzia (p. 67).

Juizo critico (p. 68; Dr. Velloso, 2.º op., p. 9).

A Bulhão Pato (p. 68).

D. Fuas (p. 69).

Ao mesmo (p. 69).

Receita (p. 70; Dr. Velloso, p. 11).

Vocação (p. 70; Dr. Velloso, p. 12).

Acephalo (p. 70).

A Granja (p. 71).
 Padre Frei Francisco (p. 72).
 O rei dos Traques (p. 73; Dr. Velloso, p. 69).
 Ao frontão (p. 74).
 Sexta variação (p. 74).
 Glosas a um irmão anonymo (p. 76).
 Philologia (p. 77).
 Olinta (p. 78; Dr. Velloso, p. 13).
 Cócó (p. 78).
 Epigramma (p. 80; Dr. Velloso, p. 14).
 Proverbios de Salomão (p. 81). — São onze.
 Para crianças (p. 84).
 A Vittoria Colonna (p. 85).
 Ultimo suspiro (p. 87).

Avulsas, ainda não incorporadas

A *** (No *Ecco do Lima*).
 Sonho dourado (*Diario do Alemtejo e Revista Portuguesa*).
 Elvira (*Seculo*).
 No tumulto de Alice.
 No festival; 8 — 3 — 9. (*Seculo, Diario de Noticias e Vitalidade*).
 Meia fabula.
 Esperança do feriado (*Mala da Europa*).
 Mientras vuelve
 Forasteiro em Lisboa (*Mala da Europa*).
 A Bulhão Pato (*Revista Portuguesa*).
 A Fernandes Costa (*Diario de Noticias*).
 Entre a bocca e os olhos (*Apostolos da Cartilha*)
 Para crianças.

São ao todo 60 composições que têm de entrar na segunda edição do *Campo de Flores*, distribuindo-as segundo os seus generos pelas diversas secções. Metade d'estas poesias avulsas são *satyricas*. Trindade Coelho accusou a collecção do *Campo de Flores*, por trazer incluídos

os versos satyricos de João de Deus, e elle proprio, no seu *Exame da chamada edição authentica*, um grande numero dos versos que traz como não colligidos são sómente satyricos. E diz do genero que condemna na edição de 1893: «A obra satyrica de João de Deus, *capital para a definição psychologica e litteraria do poeta*, é muito importante e merece bem ser explicada.» (Folheto *Campo de Flores*, p. 75).



No dia 8 de março de 1895, anniversario do glorioso poeta, dia escolhido para a glorificação desde muito projectada e levada por fim a bom termo por iniciativa da mocidade academica, publicou Reis Damaso no jornal *A Batalha* uns traços biographicos de João de Deus, extrahidos do presente opusculo que tinha no prélo.

N'esse bello artigo referia-se assim a apotheose:

«A manifestação que a juventude sempre generosa, hoje lhe faz é a mais justa que em Portugal se tem feito depois da apotheose de Camões; ou por outras palavras; a glorificação de João de Deus é tão merecida como o foi a do egregio cantor dos nossos feitos historicos, tanto pela identificação do sentimento, como pela semelhança de alguns factos da vida, em parte igualmente desventurosa.»

